



16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

## CORPO, ESTÉTICA E MODA: O “KIT MALOKA” NAS PERIFERIAS DA REGIÃO METROPOLITANA DO RECIFE

*Body, aesthetics and fashion: The “Kit Maloka” in peripheries of the metropolitan region of Recife*

Silva, Alexandre. F.; mestre em Design; Universidade Federal de Pernambuco;  
manoelalexandre.a@gmail.com<sup>1</sup>

Barros, Simone; PhD; Universidade Federal de Pernambuco;  
simonegbarros@gmail.com<sup>2</sup>

**Resumo:** O artigo a ser apresentado tem por objetivo basilar o de demonstrar as profusas nuances estéticas que foram notadas durante imersões etnográficas realizadas com grupos e adeptos ao “Passinho dos Maloka” do Bregafunk em Santo Amaro, bairro do Recife e Peixinhos, bairro de Olinda, no ano de 2020, onde se pode observar as singularidades estéticas do denominado “Kit Maloka” dos jovens observados durante as imersões que foram desenvolvidas.

**Palavras chave:** Moda; Passinho; Kit Maloka.

**Abstract:** The article to be presented aims to demonstrate the profuse aesthetic nuances that were noticed during ethnographic immersions carried out with groups and followers of Bregafunk’s “Passinho dos Maloka” in Santo Amaro, Recife and Peixinhos, Olinda in year 2020, where we can observe the aesthetic singularities of the so-called “Kit Maloka” of young people observed during the immersions that were developed.

**Keywords:** Fashion; Passinho; Kit Maloka.

### Introdução

No atual momento do nosso país, assim como no estado de Pernambuco, é perceptível um crescente entusiasmo atribuído ao florescimento de fenômenos musicais subalternos e de artistas que servem de espelho para um grande número de jovens. Como

---

<sup>1</sup> Mestre em Design e doutorando no PPG em Design da UFPE na linha de pesquisa Design, cultura e artes, bacharel em Design de Moda pelo Centro Universitário UniFBV Wyden. Pesquisa sobre moda, estética e cultura periférica, em sua dissertação de mestrado: “Mergulho etnográfico na cultura do passinho dos Maloka na Região Metropolitana do Recife”.

<sup>2</sup> Pós-Doutora em Design de Moda pela Universidade da Beira-Interior, Portugal. Doutora em Design e Mestre em Educação pela UFPE e graduação em Comunicação Social pela mesma instituição. Professora adjunta, do Departamento de Design e no PPG em Design da UFPE.





16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

consequência, esses sujeitos obtêm um amplo alcance e reconhecimento, especialmente através de plataformas online como Youtube, Facebook, Instagram e Tiktok, sendo o fenômeno do “Passinho”, através dos seus populares “rolêzinhos” da dança o mais recente e expressivo desses movimentos culturais periféricos contemporâneos, em que a corporalidade dos passos e o “Kit Maloka” (suas vestes e estilo particulares, customizações capilares e corporais) que serão mencionados no artigo são, verdadeiramente, os elementos chave para a construção das linguagens estéticas exteriorizadas por estes jovens.

Sendo assim, no transcorrer do material possuímos como intuito principal o de investigar o “Passinho” através das nuances do “Kit Maloka” por intermédio de aportes bibliográficos que versam sobre tribalização e estética, bem como por meio de imersões etnográficas vivenciadas pelo autor, haja vista que a pesquisa de campo nos proporciona um apanhado de informações de forma ainda mais profícua das duas imersões desenvolvidas: o ensaio do grupo Os Maloka PX, no bairro de Peixinhos, em Olinda-PE e o famoso baile da Tauá, evento semanal que ocorre nas ruelas do bairro de Santo Amaro, em Recife-PE. Ainda, é importante recordar que essas imersões foram realizadas um pouco antes das restrições sanitárias de circulação de pessoas em todo o território nacional devido ao aumento dos casos de COVID-19, vez que nossas pesquisas de campo ocorreram no mês de fevereiro, algumas semanas antecedentes às restrições primeiras, bem como os posteriores controles mais brandos que foram determinados logo em seguida.

### **Os Malokas de Peixinhos, Olinda-PE**

Peixinhos, bairro da cidade de Olinda, surgiu para o pesquisador no transcorrer das sondagens para o desenvolvimento deste estudo através, principalmente, das redes sociais, recurso imprescindível para as negociações de encontros e sessões fotográficas para a pesquisa. O bairro de Peixinhos está localizado no limite com o bairro de Jardim Brasil e próximo ao rio Beberibe, que divide a cidade de Recife e Olinda e razão essa pela qual se originou o nome do mesmo. Apesar de possuir índices de violência consideráveis, característica de bairros periféricos, problemas estruturais e urbanos típicos de um





16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

povoamento desordenado, o bairro demonstra um deslumbrante potencial para o florescimento de manifestações culturais subalternas, a partir do engajamento da juventude e de lideranças de resistência locais, especialmente através da música e da dança, tal qual, por meio do Bregafunk e do fenômeno do “Passinho dos Maloka” e do “Kit Maloka”.

Os primeiros apontamentos acerca do bairro, do qual o pesquisador já possuía conhecimento da existência, mas nunca havia, de fato, adentrado, foram de um dado desordenamento urbano, rede elétrica exposta, córregos, ruelas, esgoto à céu aberto e diversos outros fatores de precariedade pública que são, essencialmente, oriundos de uma povoação descontrolada, e não menos importante, do descaso público para com o corpo geográfico da comunidade. No “lado inverso” do bairro de Peixinhos e em contraste com essa “faceta” negativa, também foi possível perceber um comércio bastante movimentado, casas coloridas, letreiros de lojas e estabelecimentos bastante curiosos e pitorescos ao passo em que andávamos pelas ruelas do bairro em direção à casa de Abravanel após a renovação da customização capilar que faz parte inerente do seu “Kit Maloka”.

A partir das ruas de paralelepípedo adentramos em sua casa, o pesquisador juntamente ao fotógrafo, um primeiro andar com mais de um apartamento (arreatador ouvir uma música de Bregafunk num volume estrondoso vindo do apartamento ao lado, atrapalhando nossa conversação em níveis alarmantes dentro da sua casa). Neste seguimento, uniformizado com a farda do grupo “Os Maloka PX” e realizados os últimos ajustes de rituais de vaidade em seu rosto, corpo e cabelo (em outras palavras, o desenvolvimento do “Kit Maloka”, descemos em direção à praça, “Vamos encontrar os pivetes, eles já devem tá colando por lá”, disse ele.

Os diálogos na qual Silva (2005) nos transmite, da comunicação da dimensão inalienável, da comunicabilidade comunitária conforme Coutinho (1990) nos rememora, ao observarmos as estilizações capilares, tatuagens e o exaustivo uso dos tons de “rosaque”, desde o cabelo, estando este associado ao “Kit Maloka” ao carrinho de passeio do bebê e a motocicleta do jovem no mosaico de fotos da figura 1. Assim sendo, é significativo perceber que esta oralidade se entrelaça com o estar presente e também





16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

pertencer, profundamente, à comunidade em que moram, de se relacionar e usufruir dos espaços comunitários, a espera, sempre que possível obstinada, de melhorias estruturais quanto aos espaços de uso coletivo para socialização e diversão no bairro, bem como os integrantes do grupo e alguns frequentadores da praça expressaram nesta experiência.

No tocante aos modos de persistência e resistência de culturas subalternas e as maneiras como esses grupos reagem defronte aos numerosos obstáculos que são postuladas a partir de temas concernentes às hegemonias e hierarquias culturais, Fontanella (2005) aponta a importância de reflexionar sobre os mecanismos com os quais esses fenômenos se estruturam para realizar essas negociações culturais, das inúmeras barreiras que orlam o terreno dessas negociações. O autor destaca que a mídia é um grande agente de promoção dessas práticas culturais, situadas em um espaço de “hierarquia abaixo” e que as mídias são as grandes propagadoras desses processos, ao passo que esses fenômenos possam demonstrar competências favoráveis conquanto estejam em sintonia com a lógica do consumo.

Este consumo está relacionado, desta forma, com todas as nuances que englobam as linguagens do “Kit Maloka”, acerca do consumo periférico de artigos do mundo material e de design. Este “Kit”, portanto, é observado e analisado em determinados momentos da pesquisa como uma maneira de “assemelhação” e como forma de se desvelar para o mundo, estando, quase sempre, correlacionado com a lógica do consumo. Os diálogos acerca dessas nuances que são possibilitadas por o que chamamos durante o estudo de “Kit Maloka” podem ser visualizados em diversos estágios do material.

Com relação ao início do ensaio do grupo, este foi iniciado ao som ininterrupto da música “38 Carregado”, entoado por Mc Drika, DJ Ray Laís e Mc Pirata do Recife, inicialmente em conjunto e coreografado, numa espantosa sintonia de passos ritmados, dada exaustão de ensaios para coreografar essa música específica. Primeiramente, o fotógrafo, junto ao pesquisador, destinou prioridade para fotografá-los em conjunto enquanto realizavam os passos coreografados e ritmados para, posteriormente realizar fotografias individuais.



16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

Outrossim, no contexto das formas de vestir mais diversificadas, urge, portanto, o debate sobre a moda periférica, consumo e a estética singular de determinados fenômenos oriundos das culturas subalternas. Aqui existe, na cultura do fenômeno do “Passinho” o “Kit Maloka”, como eles mesmos fazem questão de se autorreferenciar. Aqui, este “Kit” se caracteriza a partir do uniforme chamativo com excessivas informações visuais e pelos “acessórios-ostentação” (anéis, cordões, relógios grandes e os óculos espelhados de formatos singulares). De certo modo e em certo grau, esses ornamentos também funcionam como artifícios de ostentação e vaidade, bem como nos encontros do “Passinho” onde há um certo “duelo” de exibicionismo e ostentação, em que o parâmetro pode vir a ser a dimensão, iluminação chamativa e espalhafatosa e a robustez sonora dos paredões de som.

Figura 1: Abravanel, entorno do bairro e transeuntes, ensaio do “Os Maloka PX” e aspectos do “Kit Maloka”, customizações e óculos espelhados.



Fonte: Própria.



16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

Estas imagens, para além de exibir detalhes da excentricidade do estilo dos óculos exaustivamente usados por jovens das periferias da região, também evidenciam o detalhe visual no cós dos shorts do uniforme, com referência visual a peças do mesmo estilo de “marcas-desejo”. Para os integrantes do grupo, os tênis operam no “Kit Maloka” de modo a proporcionar o máximo de conforto possível (as marcas mais comuns também são populares em outros contextos, a exemplo da Nike, Puma e Adidas), quando em situações mais informais os chinelos unissex da Kenner ou Cyclone são os prediletos para serem “arranhados” no asfalto, todavia para fins de apresentações e eventos o mais prudente é sempre utilizar um tênis apropriado.

A questão é que “mau gosto” e “apelativo” são termos que geralmente se referem à programação televisiva dirigida às classes mais baixas e se fundamentam especialmente em formas da sensibilidade popular e na expressão de sua corporeidade, onde televisão se atrai e permite ver um “povo feio” que em outros espaços tenta-se ocultar de diversas formas, mas que insiste em aparecer mostrando sua face sem maquiagens. (FONTANELLA, 2005, p. 33).

Utilizando como gancho os escritos de Fontanella (2005) em sua pesquisa a respeito da estética do brega pernambucano, é valioso exprimir que o “Passinho” do Bregafunk também tem recebido uma abundante atenção da mídia (especialmente entre os anos de 2019 e 2020), inclusive para com o grupo “Os Maloka PX”, através de entrevistas, sessões fotográficas e eventos. O perigo aqui é o de associar as roupas, os acessórios, as estilizações capilares, as tatuagens e outras características particulares observadas nos jovens adeptos ao fenômeno do “Passinho” e que fazem parte do enredo do “Kit Maloka” como simplesmente “coisa de mau gosto” ou meramente “coisa de Maloka”, mesmo que defronte a nomenclatura “Maloka” sendo, portanto, o risco efetivo aqui o de fazer uso do desdém a favor do entretenimento vexatório. Por fim (e acompanhados do “mascotinho” mirim do grupo), por volta das dezoito horas da noite os jovens do “Os Maloka PX” entoaram um sonoro “já deu né”, tendo em vista o cansaço do ensaio que ocorreu por cerca de uma hora sem qualquer intervalo para descanso.





16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

### **Os Malokas do baile da Tauá, Santo Amaro, Recife-PE**

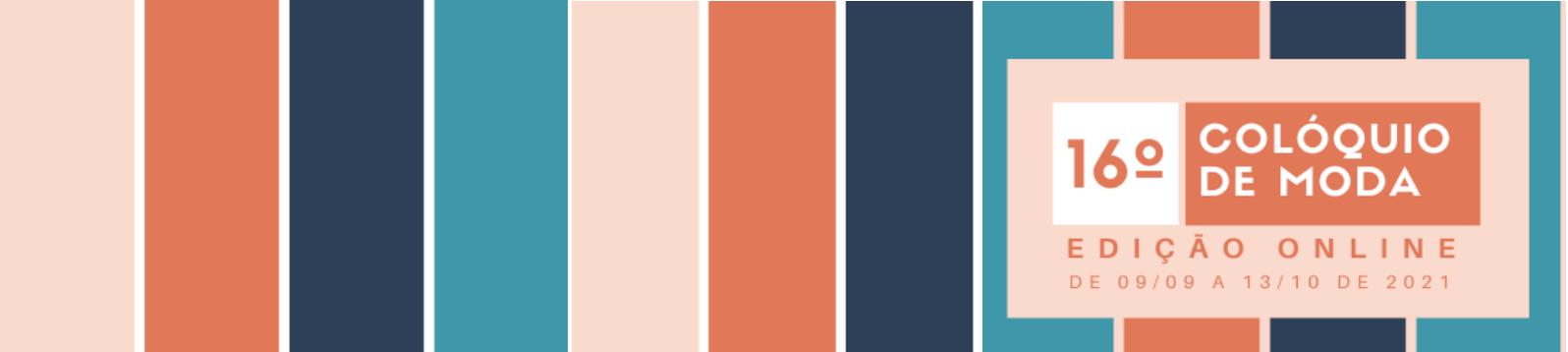
O baile da Tauá, a segunda imersão etnográfica do estudo, chegou até o pesquisador de modo espontâneo, ao longo dos diálogos com os componentes do grupo “Os Maloka PX” durante a visita do pesquisador, acompanhado do fotógrafo, na pesquisa de campo à comunidade de Peixinhos, bairro da cidade de Olinda, referenciado anteriormente. O encontro que esses escritos objetivam narrar ocorreu no centro de uma pequena praça, rodeada de ruas bastante estreitas em Santo Amaro, bairro que faz divisa entre Recife e Olinda e bem próximo a Peixinhos. O “rolê” acontece basicamente sem recursos, a partir de elementos do improviso por volta das dezoito horas e é interrompido quase sempre às vinte e três horas.

Aqui, não há nenhuma grande estrutura de palco ou iluminação, apenas a presença de paredões de som e algumas centenas de garotos e garotas que se encontram ali, através da dança, num “rolêzinho” notadamente modesto (ou talvez, mais raiz do que Nutella?) mas que faz jus a sua fama, dada volumosa presença de jovens provindos de diversos bairros da região em busca de entretenimento numa sexta-feira à noite. Ao que me parece, esse talvez seja o ingrediente-chave para o monumental êxito do “rolê”, para além do improviso, o fato de estar nos ambientes públicos e ocupar os espaços da comunidade, a gratuidade e a inexistência de grandes arranjos estruturais, componentes esses que também bem rememoram o famoso carnaval de rua de Olinda.

No panorama desta imersão no bairro de Santo Amaro, é possível trazer alguns escritos oportunistizados por Hannerz (1997) acerca da instrumentalização das relações entre os grupos sociais. O pesquisador fala sobre as fronteiras que são criadas por meio dessas relações, que constituem elementos que se transformam em métodos de não apenas segregação, mas também de singularização. O autor aborda esses conteúdos expondo que às questões correlatas à dominação de determinadas culturas são exemplos bastante eficazes para sinalizar soberanias culturais, que estão, por conseguinte, saturadas por estigmas hierárquicos de superioridade versus inferioridade.

Ainda, com relação às trocas por meio da dança e da música em espaços geográficos periféricos, é válido rememorar os estudos de Maffesoli (1998) sobre tribalização e a postura do estar junto “à toa”. O autor, repetidamente, mas de maneiras





16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

distintas, nos relembra que o ser humano precisa realizar trocas, têm a necessidade de compartilhar, sejam interesses em comum, aspectos estéticos e de moda, atos de lazer, conectados, dessa maneira, através da cultura, em outras palavras, o indivíduo não consegue viver isolado. Não sem razão, os grupos de indivíduos reunidos no baile da Tauá objetivam, no interior, validar esses conceitos, de que os aspectos culturais e as ocasiões de lazer, as perspectivas estéticas e o estar junto “à toa” são indispensáveis para a construção do que o autor chama de “cimento societal”.

As condições estéticas, as vestes, os acessórios, as estilizações capilares são, intrinsecamente, o maior sustentáculo externado pelos jovens adeptos ao “Passinho dos Maloka” e que, não diferentemente, também foram contemplados nessa imersão etnográfica. Por intermédio de alguns embasamentos teóricos e das fotografias desenvolvidas nesta imersão pretendemos demonstrar a potência que os aspectos estéticos possuem nas dinâmicas dos movimentados encontros do “Passinho”. Isto posto, as fotografias, vinculadas ao detalhamento do pesquisador funcionam como um proveitoso material para que o leitor possa se inteirar acerca das características particulares, e costumeiramente peculiares exteriorizadas pelos jovens presentes no “rolê” da rua Tauá.

Ortiz observa que a oposição “homogêneo/heterogêneo” perde importância; é necessário, pois, entender como segmentos mundializados – por exemplo os jovens, os velhos, os gordos, os desencantados – compartilham costumes e gostos convergentes. “O mundo é um mercado diferenciado constituído de camadas afins. Não se trata, pois, de produzir ou vender artefatos para ‘todos’, mas de promovê-los globalmente entre grupos específicos.” Por isso, este autor sugere que se abandone o termo homogeneização para se falar de “nivelamento cultural” a fim de “aprender o processo de convergência de hábitos culturais, mas preservando a diferença nos níveis de vida. (CANCLINI, 2006, p. 136).

Ao instaurarmos as observações com referência à estética dos sujeitos se faz necessário ponderar o conceito de “nivelamento cultural” acima proposto para que possamos estar aptos para interpretar as linguagens visuais que são desenvolvidas por esses jovens como agentes de “assemelhação”. Pois então, o “estar na moda”, a partir dessa visão, não é estático, e esses nivelamentos possibilitam, paulatinamente, um campo bastante rentável para o surgimento e multiplicação de outros nivelamentos e nuances visuais, frutificadas por meio da indústria do consumo e da moda. No baile da Tauá isto



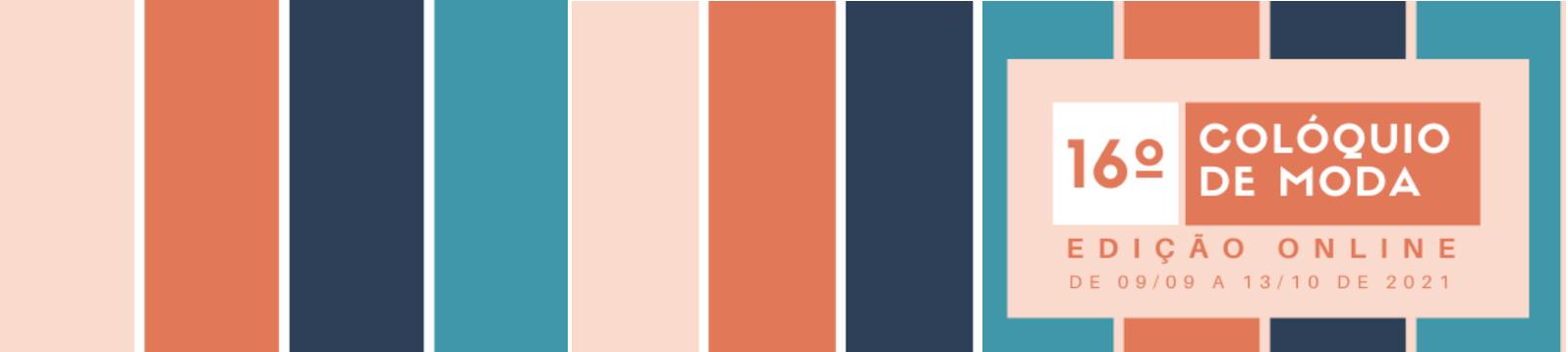
é notável em diversos aspectos estéticos que são compartilhados pelos jovens presentes no “rolê”: as camisas de times, os acessórios, as estilizações capilares e afins, em outras palavras: o tal “Kit Maloka”.

Nas imagens da figura 3 é importante identificar dois integrantes do grupo “Os Maloka PX”, Abravanel e Binho, ambos de camisetas vermelhas e as típicas estilizações capilares e acessórios ostentação. Na rua Tauá, a cerveja na mão dos jovens também funciona como uma extensão do corpo, quando não está sendo jorrada vertiginosamente para os lados e para o alto devido a “freneticidade” habitual dos passos ritmados. Curioso também reparar as customizações estéticas que são desenvolvidas com um acentuado caráter de diferenciação, o jovem na foto abaixo, cujo pesquisador até então tinha em mente que estava vendendo cigarros (visto o chamativo colar com carteiras de cigarro empilhadas horizontalmente) mas que se tratava apenas de um *insight* estético, segundo o próprio relatou com um sonoro “achei massa essa ideia e fiz, para compor o “Kit Maloka”.

Figura 2: Customização de cigarros e o “Kit Maloka”



Fonte: Própria.



16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

Se a moda nos anos 60 começou a sofrer a influência jovem que vinha das ruas, ela está no momento valorizando a estética da periferia, seja através de seu imaginário com a utilização de grafites, fuxicos, cabelos rastafaris e outras propostas de comportamento e linguagem, muitas de caráter ambiental, visando a reativar zonas sem atrativo como bem assinalou Bauman (2001) na sua modernidade líquida. E conforme podemos observar no credenciamento espacial que a mídia promove para cima ou para baixo num processo de promoção de eventos incessante. (VILAÇA, 2007, p. 3).

Os argumentos oportunizados por Vilaça (2007) são importantes para observar a “popficação” dos aspectos visuais oriundos das periferias que, de acordo com a autora, já tem sido recorrente há algumas décadas. Isto é notório nos tempos que correm, acerca do funk carioca, do retorno dos saltos de acrílico tidos durante muito tempo como “artigo de perigete”, mas que são replicados exaustivamente nos dias atuais pelas grandes marcas que alimentam às elites e famosos, ou seja, é determinante a maneira em que a mídia e a indústria da moda dirigem suas óticas para com esses elementos. No brega recifense e no Bregafunk local, essas “apropriações estéticas” também são percebidas em níveis significativos, fato curioso este que possibilitou o surgimento do pitoresco termo “Maloka de condomínio”, que são jovens, economicamente privilegiados, que simpatizam e consomem marcas e aspectos visuais do “Kit Maloka”: as roupas largas, tênis, chinelos, acessórios ostentação, customizações capilares e sobancelhas desenhadas, tatuagens, dentre outros inúmeros tópicos estéticos similares.

Nessa continuidade, acerca do consumo e dos nivelamentos culturais, Lipovetsky (2015) versa sobre uma era “Hipermoderna” (Pós-modernidade), do consumo a partir da lógica da moda, de uma sociedade relacionada aos extremos, sendo esses extremos as emoções, as sensações, de uma chamada “era da estética e da arte” em que o consumo está em constante sintonia com a lógica da moda, uma “era da sedução e valorização do futuro”. Tal conceito, portanto, finda por nos afastar do presente, típico da pós-modernidade que, aqui o que o autor chama de era “Hipermoderna”, uma era mais íntima ao presente, ao instantâneo e, concomitantemente, sendo capaz de desenvolver inúmeras trocas, ao passo que traz consigo também alusões provenientes do passado.



16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

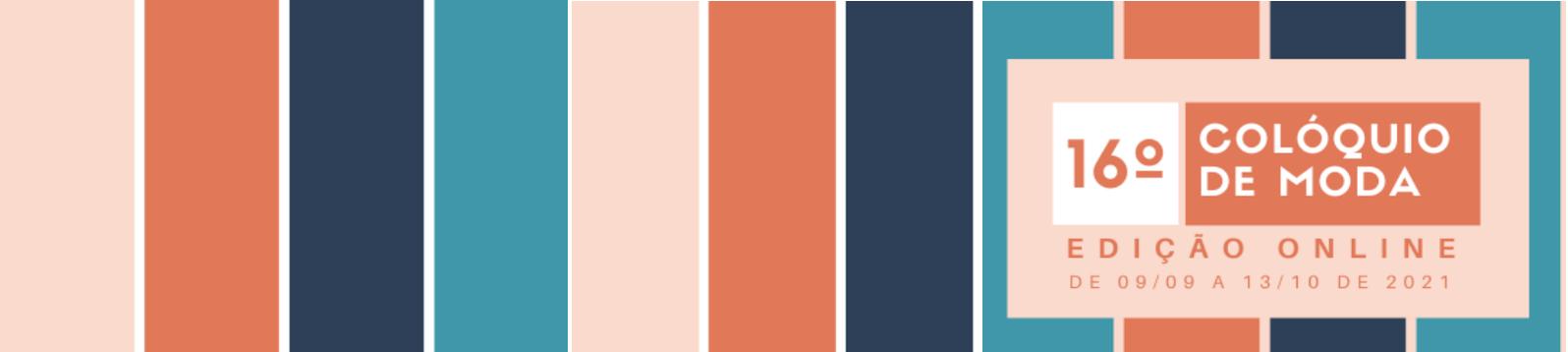
As reflexões propostas pelo autor são interessantes para serem relacionados em diferentes camadas das sociedades, com diferentes espaços geográficos, inclusive nesta conjuntura. Como pode ser observado nas fotografias e na imagem abaixo, existe uma relação íntima de consumo e desejo pela marca Cyclone, adorada, idolatrada e desejada ao máximo nas periferias de Pernambuco (tanto para os meninos, bem como para as meninas), assim como para além do estado. Essa marca em específico, bem como algumas outras, operam como agentes propulsores de sedução de consumo para esses jovens pela lógica da moda, por meio da lógica da moda local, da identificação com outros indivíduos de suas comunidades que servem de espelho para esses grupos de sujeitos.

Figura 3: O baile da Tauá, integrantes do “Os Maloka PX”, as garotas da Tauá e customização capilar da marca Cyclone, marca desejo da região.



Fonte: Própria.

Ademais, tomando como base os escritos de Soares (2017) em uma de suas imersões relatadas no seu livro de 2017 sobre a música brega em Pernambuco, o autor faz



16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

algumas constatações a respeito da função do corpo e da dança nos espaços em que estão inseridos, mais precisamente no que tange o corpo em seu estado alcoolizado. Neste contexto o autor pontua que os espaços em que ocorrem as festas bregas são marcados por domínios territoriais, são espaços para conquistar o outro, flertar, paquerar, convencer, seduzir, o que ele denomina como “capital erótico”.

Este capital erótico também foi exaustivamente notado na imersão realizada no “rolêzinho” de Santo Amaro, aqui, foi perceptível que o “Kit Maloka” (o uso de joias, acessórios, roupas “da moda”, “de marca” e cabelos customizados) assim como os corpos dançantes do modo mais dinâmico possível são os corpos que atraem mais olhares. Assim, os garotos e garotas se esforçam ao máximo para realizar passos cada vez mais complexos e muitas vezes sexualizados, tanto para com o sentimento de aprovação e reconhecimento de sua desenvoltura na dança, mas também como um inegável instrumento de paquera, como um artifício de sedução, bem como o “Kit Maloka” também se configura como um vultoso mecanismo para a atração de olhares e indubitável capacidade de sedução.

### **Considerações Finais**

Por fim, cabe aqui ponderar, com a intenção de reflexionar se as conveniências de uma determinada “gourmetização” da cultura periférica funcionam para posicionar o brega, o Bregafunk e o “Passinho” num local de cultura genuína, adequadamente respeitada e apreciada, ou como recurso de uso tão-somente por conveniência, por visualidade. Neste sentido, independentemente de quais sejam esses tópicos circunstanciais que ainda orlam as culturas populares, assim como o “Passinho”, um fato inevitável é o de que: o fenômeno possui vigor suficientemente satisfatório para se soltar de amarras que possam vir a situá-lo, erroneamente, num local de “baixa cultura” ou “boa cultura quando conveniente”.

Urge, por conseguinte, uma sensação de que esses espaços são verdadeiramente razão de orgulho e felicidade para os jovens da Tauá, bem como na comunidade de Peixinhos, mesmo que em meio a tantas adversidades oportunizadas pelas desigualdades sociais e o modo nem sempre muito bonançoso em que o “rolê” é encerrado. Entretanto, na dança e no deleitamento do se “enfeitar” com suas características estéticas, o “Kit





16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE  
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

Maloka”, esses personagens notadamente adquirem ainda mais fôlego para resistir e agregar ao “rolê” e ao fenômeno do “Passinho”. Em outras palavras, a estética genuína e o vestir resistem em ambos os corpos geográficos adentrados na região metropolitana do Recife.

### Referências

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e Cidadãos**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Cultura e Sociedade no Brasil**: um ensaio sobre idéias e formas. Belo Horizonte: Oficina de livros, 1990.

FONTANELLA, Fernando Israel. **A Estética do Brega**: Cultura de Consumo e o Corpo nas Periferias do Recife. 2005. 145 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbrido: palavras-chave da antropologia transnacional. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, abr. 1997.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A estetização do mundo**: viver na era do capitalismo artista. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2015.

MAFFESOLI, Michael. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1998.

SILVA, A, N. **Processos Culturais e comunicacionais contra-hegemônicos nas favelas cariocas**: uma análise do movimento hip-hop. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Rio de Janeiro. 2007.

SOARES, Thiago. **Ninguém é perfeito e a vida é assim**: a música Brega em Pernambuco. Recife: Outros críticos, 2017.

VILLAÇA, Nízia. Moda e periferia: negociações midiáticas. In: ENCONTRO DA COMPOS, 16., Curitiba. **Anais eletrônicos [...]**. Curitiba: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2007.

